

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE  
PAULA FRASSINETTI

Pós-Graduação  
Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

**PRÉ-PROJECTO PARA MESTRADO**  
O CONTRIBUTO DAS EXPRESSÕES  
(PLÁSTICA E DRAMÁTICA) NO  
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS  
CRIANÇAS

Liliana Andreia Ribeiro de Castro  
Nº 2007247

**Porto**  
**2007/2008**

**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI**  
Pós-Graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de  
Formadores

**PRÉ-PROJECTO PARA MESTRADO**  
*O CONTRIBUTO DAS EXPRESSÕES*  
*(PLÁSTICA E DRAMÁTICA) NO*  
*DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS*  
*CRIANÇAS*

Liliana Andreia Ribeiro de Castro  
Orientador: Professor João Gouveia

*Trabalho realizado para a disciplina de*  
*Projecto de Investigação*

**Porto**  
**2007/2008**

## Índice

<b>Introdução</b> .....	4
<b>1.Educar pela arte – Teorias públicas</b>	
1.1.Sobre os documentos oficiais .....	7
1.2.O jogo dramático na escola do 1º Ciclo .....	10
1.3.A Expressão Artística/Plástica na escola .....	12
<b>2.Expressões (Dramática e Plástica) – Teorias pessoais</b>	
2.1Vivências de Escola .....	14
<b>3.Construção do Projecto: <i>Oficina de Expressões</i></b>	
3.1.Construção do Projecto	
3.1.1.Investigação .....	17
3.1.2.Acção .....	18
3.1.3.Objectivos da Formação .....	19
3.1.4.Acções a desenvolver .....	19
3.1.5.Identificação de recursos .....	20
3.1.6.Avaliação .....	21
<b>4.Conclusão</b> .....	24

## Referências Bibliográficas

### Anexos

<sup>1</sup> Citado por Sousa, Alberto B. (2003) *in* Educação pela arte e as artes na Educação, Instituto Piaget, 1ºVolume

<sup>2</sup> Conferência da UNESCO realizada em Lisboa a 6 de Março de 2006

<sup>3</sup> Explanado por Sousa(2003), *in* Educação pela arte e artes na Educação, Instituto Piaget

<sup>4</sup> “As aprendizagens activas pressupõem que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar (...) as aprendizagens significativas relacionam-se com as vivências efectivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam...” *in*, Departamento da Educação Básica (2004). *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico — 1º Ciclo*. Lisboa : Departamento da Educação Básica, 4ª Edição, p.23

- <sup>5</sup> Departamento da Educação Básica (2001). “*Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*”, Lisboa : Departamento da Educação Básica, p.150
- <sup>6</sup> Citados por Reis (2003), in *EDUCAÇÃO PELA ARTE*, Universidade Aberta, Lisboa
- <sup>7</sup> Departamento da Educação Básica (2001). “*Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*”, Lisboa : Departamento da Educação Básica, p.149
- <sup>8</sup> Tedesco, J.C. (2008), *Calidad de la Educación y Políticas Educativas*, revista saber (e) Educar, Nº 13, p.28
- <sup>9</sup> Citado por Sousa (2003), in *Educação pela arte e artes na Educação*, Instituto Piaget, p.34
- <sup>10</sup> (Rogers, 1961) citado por Sousa (2003), in *Educação pela arte e artes na Educação*, Instituto Piaget, p.143
- <sup>11</sup> Faure, G. & Lascar, S. (1982) – *O jogo dramático na Escola Primária*. Lisboa: Estampa, p.10
- <sup>12</sup> “ Quando a criança que brinca se põe a chorar porque o pato ou o urso de peluche que apertava contra ela começa a meter-lhe medo, o jogo deixa de existir, é substituído pelo seu contrário e surge a angústia.” (Ryngaert, 1981, P:41)
- <sup>13</sup> Harold M. Williams, citado por Reis (2003) in, *Educação pela arte*, Universidade Aberta, Lisboa, p.27
- <sup>14</sup> Herbert Read citado por Reis (2003) in, *Educação pela arte*, Universidade Aberta, Lisboa, p.28
- <sup>15</sup> Reis (2003) in, *Educação pela arte*, Universidade Aberta, Lisboa, p.30
- <sup>16</sup> Citado por Reis (2003) in, *Educação pela arte*, Universidade Aberta, Lisboa, p.33 - 41
- <sup>17</sup> Reis (2003) in, *Educação pela arte*, Universidade Aberta, Lisboa, p.57
- <sup>18</sup> Buber e Reads citados por Reis (2003) in, *Educação pela arte*, Universidade Aberta, Lisboa, p.41
- <sup>19</sup> Leite, E. e Manuela Malpique (1986) “*Espaços de criatividade*”, *A criança que fomos/A criança que somos...através da Expressão Plástica*, Coleção Ser Professor, Edições Afrontamento, Lda., p.11
- <sup>20</sup> Cardoso, Ana Paula Oliveira (2002), *A receptividade à mudança e à inovação pedagógica*, Coleção perspectivas actuais/educação, Lisboa: Edições Asa S.A., p. 107

*“ Não uses de violência na educação das crianças, mas procede de modo que se instruem brincando; poderás assim discernir melhor as tendências de cada uma.”*

---

<sup>21</sup> Machado, G. citado por Leite, C. e António Lopes (2007) *in Escola, Currículo e Formação de Identidades*, 1ª Edição, Março de 2007, Asa, p.216

<sup>22</sup> Educação centrada no professor e no seu saber.

<sup>23</sup> Sousa (2003), *Educação pela arte e artes na Educação*, Instituto Piaget, p.110

<sup>24</sup> *Ibid*, p.111

<sup>25</sup> Aproveitamento do trabalho realizado na disciplina de Avaliação das Aprendizagens, *Plano de Formação*

Platão (427 – 346 a.C.)<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

No âmbito da Pós-Graduação em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, levada a cabo na ESE de Paula Frassinetti, e na disciplina de Projecto de Investigação, ministrada pelo professor João Gouveia, pretendo elaborar um pré-projecto para mestrado com o tema: “O contributo das Expressões (Plástica e Dramática) no desenvolvimento cognitivo das crianças”.

As prioridades que o Ministério da Educação definiu para o 1º Ciclo do Ensino Básico, tendo em linha de conta as Orientações Curriculares, para as áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio, remetem a Educação Artística para um plano Extra-Curricular, considerando-a não tão fundamental quanto aquelas. Tendo em conta a minha formação académica, Licenciatura de Professores do 2º Ciclo, na variante de educação Visual e Tecnológica defini que o meu pré-projecto deveria contribuir para aclarar a importância que as Expressões Plástica e Dramática têm nas diferentes áreas disciplinares.

Após a leitura do Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico e do Currículo Nacional, entendem-se as orientações que clarificam os objectivos centrais a atingir nas diferentes áreas para que o sucesso dos alunos seja efectivo. A definição de tempos mínimos a dedicar a cada uma das áreas, curriculares e não curriculares, tendo em vista o desenvolvimento das competências essenciais e o reforço dos saberes básicos no primeiro ciclo, são distribuídas da

seguinte forma: oito horas por semana para a Língua Portuguesa, uma das quais para a leitura; sete horas para a Matemática; cinco horas para o Estudo do Meio, sendo que metade destas últimas devem ser dedicadas ao Ensino Experimental das Ciências.

O restante tempo lectivo poderá ser gerido, de forma flexível, podendo ser utilizado para trabalhar as áreas das expressões ou para reforçar as restantes áreas curriculares.

Existe ainda, um Programa de Alargamento e Generalização das Actividades de Enriquecimento Curricular que assegura o prolongamento do horário em todas as escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Este, inclui obrigatoriamente o ensino de inglês para os alunos do 3º e 4º ano de escolaridade, e o apoio ao estudo com uma duração semanal não inferior a 90 minutos. Para além de frequentarem duas actividades de carácter obrigatório, destes planos podem constar algumas outras actividades de enriquecimento, como o ensino da música, prática física e desportiva, bem como o ensino de outras línguas estrangeiras ou expressões artísticas. Para o ensino da música e actividade física/desportiva, o Ministério da Educação define referências para as suas orientações programáticas, bem como para os seus profissionais, calendarização semanal e formação de grupos de alunos.

O grande desafio a que me proponho é o de demonstrar que as Expressões (Dramática e Plástica) poderão contribuir para o desenvolvimento cognitivo das crianças. A razão de ser deste projecto justifica-se pela procura da utilização eficaz das Expressões, tornando-as uma área transversal a todas as outras, em detrimento da sua utilização em escassos minutos, que lhes são dedicados. Porquê utilizar o tempo das Expressões para se fazer um reforço das restantes áreas curriculares? Por que não utilizar as Expressões para se fazer esse mesmo reforço? Por que não colocar as Expressões ao serviço da Língua Portuguesa, da Matemática e do Estudo do Meio? Será que os alunos não se sentirão mais entusiasmados e motivados, para determinadas matérias, se puderem dar asas à sua criatividade, se puderem realizar experiências que os marquem e que sejam difíceis de esquecer? (Exemplo: dramatização de histórias, pintura de cenários para colocar na sala de aula, adaptação da letra

de uma música conhecida para “cantar” uma matéria, etc). Como incentivar o uso das expressões artísticas, nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico? Como demonstrar que, a envolvência das crianças em projectos em que a Educação Artística esteja presente, em parceria com as áreas vulgarmente denominadas de principais, se desenvolvem mais espontaneamente?

Numa altura em que se realizam, no nosso país, debates dedicados à importância da Educação Artística<sup>2</sup> na Escola, sendo preocupante o lugar que lhe é, *ou não* atribuído, leva-me a questionar as políticas educativas actuais, o papel da educação pelas artes na escola, bem como o objectivo principal de toda a educação no desenvolvimento do indivíduo como um ser total.

Procurarei dar respostas a alguns objectivos a que me propus desde o início, designadamente – como incentivar as expressões artísticas nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, assim como “conhecer” as políticas educativas relativas à Educação Artística. Procurarei de igual forma, aclarar em que condições o jogo dramático facilita o aparecimento de um discurso autónomo amparado por uma linguagem artística original. Não será minha intenção facultar receitas aos professores, será pois um apelo à reflexão para os que desejam fazer um balanço da sua actividade.

O jogo dramático, a criatividade, a autonomia, a exploração de técnicas, são algumas das palavras-chave do presente documento.

Investiguei documentos oficiais do Ministério da Educação, analisei teorias públicas e honra-me partilhar algumas experiências pessoais que vivenciei a partir das quais, concebi um inquérito por questionário, que será entregue aos professores do 1º Ciclo de dois Agrupamentos de Escolas e um guião de entrevista a efectuar com alguns docentes, sobre as práticas desenvolvidas com os seus alunos. Aspiro, no seguimento para um mestrado, discutir questões do processo de ensino/aprendizagem, procurando mobilizar professores do 1º Ciclo, em torno da problemática da educação pela arte.

Ambiciono realizar um Diagnóstico de Necessidades de Formação nesta área bem como a construção de um Plano de Formação onde se redescubra o incentivo e o prazer pelas aprendizagens, promovendo a expressão e educação artística, numa perspectiva de formação integral do indivíduo, no seu processo



educativo e social.

Para atingir o fim a que me proponho utilizarei o método de Investigação Descritiva, através do qual irei “estudar”, compreender e explicar a situação actual do objecto de investigação. Incluirá a recolha de dados através da pesquisa documental, entrevistas exploratórias e em inquéritos (por questionários e por entrevista).

## **1- EDUCAR PELA ARTE - TEORIAS PÚBLICAS**

### **1.1. Sobre os documentos oficiais**

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro) a arte passa a fazer parte integrante do mesmo, “com o objectivo de desenvolver as capacidades de expressão; ...a imaginação criativa; ...a actividade lúdica...”

De acordo com a Lei de Bases da Educação Artística (Decreto-Lei nº 334/90) “esta educação é competência dos respectivos professores”<sup>3</sup>, levantando-se um problema a nível nacional que se prende com a formação dos docentes. Ao mesmo tempo que se responsabilizam por esta Educação artística, alguns docentes veêm-se coagidos a fazer complementos na sua formação. Um outro problema se impôs: “A inovação não se decreta. A inovação não se impõe. A inovação não é um produto. É um processo. Uma atitude. É uma maneira de ser e de estar na Educação.” (Nóvoa, 1988, p.8) Enquanto alguns aceitam inovações, outros insistem em preservar “as práticas e rotinas tradicionais.” (Cardoso, 2002, p.36)

Como explanou Alberto Sousa (2003, p.112), “A Lei de Bases do Sistema Educativo, pensando a Educação em termos de transmissão do saber, refere-se apenas ao saber escolar, olvidando que a educação como formação do ser se processa fundamentalmente nas relações humanas (...)” A heterogeneidade existe nas escolas, há diferentes necessidades de formação e vocação. Enquanto o currículo pode ser ensinado de forma objectiva, “a formação do ser não pode ser ensinada de maneira directa, só podendo ser devidamente

proporcionada pela escola através das áreas de desenvolvimento artístico.” (Sousa, 2003, p.113)

Não se trata de substituir a transmissão do saber mas sim de equacionar o melhor meio para o fazer. Por exemplo: a construção de um fantoche para a dramatização de uma história, será vivida com muito mais entusiasmo do que a simples leitura de um texto. A experiência jamais será esquecida pela criança! Há uma grande diferença entra o fazer por obrigação e o fazer por prazer. No entanto, a transmissão do saber concretiza-se, só que por um meio muito mais eficaz que a simples leitura. Conforme Eunice Macedo, (2004, p.11) “ Trata-se também de uma forma de trabalho que procura contribuir para diluir barreiras artificialmente existentes entre as disciplinas, que visa desenvolver competências múltiplas e interdisciplinarmente construídas, numa atmosfera em que o prazer, o empenhamento, o esforço se articulam nos processos de desenvolvimento do aluno. A hipótese-base deste tipo de trabalho aponta para que a aquisição de saberes curricularmente estabelecidos como importantes é conciliável com o desenvolvimento global do aluno e que isso pode ser feito num clima em que a alegria e o afecto estão presentes.” Embora estas questões se façam subentender nos Princípios Orientadores da Acção Pedagógica no 1º Ciclo<sup>4</sup>, nem sempre os professores têm formação apropriada para o fazer como seria desejado. No que concerne à Formação Contínua dos Professores, seria utópico referir que todos eles têm predisposição para o fazer e, pior que isso, nem todos os professores desejam ser entendidos no jogo dramático ou em manipulação de materiais e técnicas de expressão plástica pelo facto de se terem acomodado ao tradicional modelo de educação por transmissão de conhecimentos ou simplesmente por não sentirem que têm vocação para as artes. No entanto, “o aluno deve ter oportunidade de vivenciar aprendizagens diversificadas, conducentes ao desenvolvimento das competências artísticas e, simultaneamente, ao fortalecimento da sua identidade pessoal e social.”<sup>5</sup>

Por alguma razão se diz que as crianças devem ser confrontadas com determinadas aprendizagens desde muito cedo. Bruner e Piaget<sup>6</sup>, defendem que o estágio da abstracção é o “mais tardio no desenvolvimento cognitivo, o

culto da percepção musical (tal como o das línguas estrangeiras) deve iniciar-se o mais cedo possível para que ele possa adquirir posteriormente toda a sua plenitude. Existe “um elevado número de psicólogos que considera que a estrutura cognitiva humana não permite compreender imediatamente qualquer coisa que seja nova. Reconhecer é a condição de possibilidade de conhecer.” (Reis, 2003, p.63)

A escola deve ser promotora de actividades orientadas para a criatividade em que se recorra às motivações intrínsecas dos alunos e ao lúdico, como forma de favorecer a livre expressão. “As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. (...) A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano.”<sup>7</sup> Como mencionou Juan Carlos Tedesco (2008) os alunos têm o direito a “Una pedagogía basada en la confianza de los educadores com respecto a la capacidad de aprendizaje de los alumnos, en el fortalecimiento de la capacidad de los alumnos para conocerse a sí mismos y definir sus proyectos de vida...”<sup>8</sup>

## 1.2. O Jogo Dramático na Escola do 1º Ciclo

A educação pela arte não é um conceito totalmente novo. Data do tempo de Platão<sup>9</sup>, que persistia: “ Evitem a compulsão e deixem que as lições dos vossos filhos tomem a forma de jogo. Isto também vos ajudará a ver quais são

as suas aptidões naturais.” Se a criança não sofrer pressões a toda a hora, se não for considerada passiva ou inapta, no processo da sua aprendizagem, tornar-se-á capaz de se educar por si própria porque há conhecimentos que não são transmissíveis, não são comunicáveis por outras pessoas como o comportamento, “que é resultante de um trabalho pessoal de descoberta, de algo que é captado pelo indivíduo.”<sup>10</sup>

Muitos autores consideram que o jogo é uma actividade própria da criança. Quando nos dirigimos a ela para realizar um determinado jogo, só essa palavra, motiva-a para a tarefa que vai desenvolver - “alguns psicólogos distinguem uma categoria de jogos sérios que se oporiam aos jogos de puro divertimento, aos jogos de descontração tais como os que se podem observar no adulto quando rompe com a actividade séria que é o trabalho.” (Ryngaert, 1981, P:35)

A “passagem do real ao lúdico oferece ao aluno uma série de vantagens... o aluno tem o poder de dominar o tempo, de parar uma situação que não se sente capaz de prosseguir; tem o direito de voltar atrás se considerar que não teve tempo suficiente para assimilar o precedente.” (Ryngaert, 1981, p.38) ” A criança, durante a improvisação, intervém com todo o corpo e com a palavra, com a sua timidez e a sua sensibilidade, com as suas recordações e os seus sonhos. Actua só ou com outras crianças, fala-lhes ou responde-lhes, adere ao real ou foge-lhes. Toda a sua personalidade é sempre comprometida no jogo – até quando o recusa.”<sup>11</sup> E esta é talvez a melhor particularidade do jogo dramático, a livre expressão.

Mas, como em qualquer outra actividade que se desenvolve com os alunos, qualquer dramatização, deverá ter em conta os objectivos que se pretendem atingir, os conteúdos a serem trabalhados e as regras de funcionamento das mesmas. A criança terá liberdade para se exprimir, para ser ela própria, mas com o conhecimento dos seus limites.

“ *Fabricar para si um mundo assustador é uma actividade natural da criança que a tornará mais forte quando for capaz de o vencer*” mas há que ter em atenção o grupo de alunos com que se trabalha, uma vez que lhes poderão ser impostas actividades que podem resultar numa má experiência. A

*“significação mágica do jogo varia conforme o imaginário e os fantasmas de cada indivíduo.”*<sup>12</sup>

A criança deverá conseguir “ter medo” de um brinquedo, quando a intenção do jogo é fingir o medo. Ora, se ela se revela incapaz de o fazer (fingir o medo) o jogo deixa de existir. Deixará, de igual forma, de existir se o medo se tornar real. “É este vaivém entre a consciência da convenção e o esquecimento da convenção que cria a natureza específica do jogo.” (Ryngaert, 1981, P:42,43) “Os alunos mais novos entram com facilidade no universo do imaginário; estão tão próximos do jogo espontâneo, que criam, sem grande esforço, o mais complicado sistema de convenções. Mas são eles também que opõem as barreiras mais frágeis à irrupção súbita e angustiante duma situação real.” (Ryngaert, 1981, P:43)

“ O jogo dramático deve ser ao mesmo tempo um meio concreto de criação de situações e de aquisição de técnicas, e um meio de reflexão sobre estas situações para chegar à invenção. É a coexistência do modelo abstracto e do modelo lúdico que permite avançar e escapar ao impasse que representa a reprodução de estereótipos.” (Ryngaert, 1981, P:45)

### **1.3. A Expressão Artística/Plástica na Escola**

Quem é que ainda não foi confrontado com o facto de as artes serem olhadas como ornamento nas escolas? Felizmente, e por muitos, “são hoje reconhecidas tão essenciais no processo educacional como as ciências e as humanidades.”<sup>13</sup> O próprio conceito de arte é talvez um dos mais difíceis de definir. Muitos autores contribuíram para a sua simplificação, no entanto não existe o conceito ideal de arte. Reis (2003), reuniu alguns exemplos, dos quais destaco:

“ A arte, como quer que a definamos está em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos.”;

“A arte é a representação, a ciência a explicação da mesma realidade”.

“Toda a criança é um artista de qualquer tipo cujas capacidades, mesmo que insignificantes, devem ser encorajadas como contributo para a riqueza infinita de uma vida em comum.”<sup>14</sup>

O Acto do artista e do artesão, actualmente distinguidos pelo acto de criação propriamente dito: “o primeiro cria, na verdadeira acepção da palavra, inventando a sua própria maneira de dizer, de comunicar, fazer; o segundo repetirá com sensibilidade, gestos artísticos mas não autónomos. Na verdade o acto criativo pressupõe não repetição”<sup>15</sup>

Read,<sup>16</sup> descreveu duas teses, de certo modo antagónicas sobre a finalidade da educação: “O homem deve ser educado para chegar a ser o que é” prendendo-se com as características inerentes a cada indivíduo que nasce, que deverão ser desenvolvidas numa sociedade que permita o seu direito à diferença e “o homem deve ser educado para ser o que não é.” Referindo-se à capacidade de anular tendências que se apresentam ao nascer “ e que se afastem do ideal tradicionalmente aceite pela sociedade na qual se quer inserir. “A arte deve ser a base de educação”, tese defendida por Read, “Ela defende que só quando os sentidos se relacionam de forma natural e harmoniosa com o exterior, o Homem é psicologicamente equilibrado.”

Não pretendo, obviamente, afirmar que o ensino deve apenas, ser consumado através do lúdico. “ A aquisição, compreensão e aplicação de conhecimentos, objectivos da Educação e do Ensino envolvem a percepção, a memória, a imaginação, a ilusão, as imagens, as sensações, o sentimento.”<sup>17</sup>

Pretendo, sim, provar que a memória se exercita mais facilmente, se forem activados mecanismos cerebrais, que permitam que a criança articule conhecimentos com experiências/situações que viveu. Quanto mais enriquecedoras forem essas experiências melhor será edificado o seu desenvolvimento cognitivo.

Quem melhor que os professores do 1º Ciclo para incutir e proporcionar diferentes experiências de arte nas crianças? Com que direito é que se nega essa possibilidade às crianças? Conseguirá o egoísmo de alguns contribuir para a infelicidade de outros? Será que a falta de formação académica servirá de

justificação para todos os mal-estares relacionados com o incumprimento da leccionação das Expressões? Como incentivar os docentes na sua formação contínua?

Estas e outras questões farão parte do meu objecto de estudo.

## **2- EXPRESSÕES (PLÁSTICA E DRAMÁTICA) TEORIAS PESSOAIS**

### **2.1. Vivências de escola**

Integrar as Expressões Artísticas na Educação é um desafio, o que está errado no sistema educacional é precisamente o hábito de estabelecer territórios separados e fronteiras invioláveis. Hoje pretende-se a interdisciplinaridade, mais não seja, nas áreas não curriculares como a Área de Projecto. O que pretendo demonstrar é que o cruzamento das diferentes áreas pode ser feito, sempre que se justifique...se um texto de Língua Portuguesa leva o aluno a falar da sua vida pessoal, em viagens que pretende realizar ou que efectuou, se não identifica esse local no mapa ou se o tenciona fazer, não vejo nenhuma razão para não interromper o texto e pendurar/mostrar um planisfério. Muitas das vezes fui confrontada por “avançar” demasiado na matéria... mas, sempre defendi que se uma criança deseja ver a sua dúvida esclarecida o deveremos fazer. Até porque a motivação de cada criança, a meu ver, em muito depende da empatia que ela cria com os docentes. A criança deverá saber que existem regras a cumprir, mas deve de igual forma sentir-se

livre e motivada para se expressar por si própria, tendo plena consciência de que irá ser ouvida com todo o carinho e atenção que merece. Considero uma forma de Arte, conseguir que uma criança reconheça e fale dos seus problemas ou convicções com uma atitude construtivista, consciente dos seus actos e com coragem para o fazer. Coragem essa que, em contexto sala de aula, só será sentida se o clima for favorável à livre expressão. Ela terá de se sentir integrada num grupo onde a importância é dada a todos por igual. No meu tempo de estágio fui confrontada com situações que serviram para decidir o que, definitivamente, não aceito fazer enquanto professora. Os alunos identificavam a fila dos bons, dos médios e dos maus em que o grupo se repartia. Que motivação teriam aquelas crianças que se encontravam sentadas na fila dos maus? Não é difícil adivinhar que existiam comentários depreciativos entre os colegas de turma... “ o professor apresenta-se como um dos artífices que une o indivíduo ao meio, (...) tem de estar fundamentalmente cheio de amor e ternura a par de ter um número de qualificações técnicas ou académicas.”<sup>18</sup>

As crianças têm o direito de desenhar conforme a percepção que têm do mundo. Quem somos nós, para pedir às crianças que reproduzam os desenhos que fazemos no quadro, na sua folha de papel? Porque é que ainda há professores que obrigam os seus alunos a pintar árvores verdes? Recordo-me de uma história que li, em tempos, sobre uma criança que escreveu, numa produção de texto, que uma galinha havia dado um ovo azul...a professora reprimiu-o e mandou-o alterar o seu texto, justificando que não existem ovos azuis. O aluno, por sua vez, alterou-o e acrescentou “os ovos eram amarelos, não eram azuis porque a professora não deixou.”

As crianças só terão a oportunidade de se exprimir se os adultos entenderem o que é a criatividade. *“Forma e criatividade, no seu jogo dialéctico, englobam todos os aspectos psíquicos da experiência estética, mas esta também passa pelo biológico (o corpo) e pelo social (o grupo, a comunidade)”*<sup>19</sup>. Neste sentido, terão os professores de reflectir sobre a sua acção e assumir que precisam “de modificar algumas características de personalidade (...) através de uma formação inicial e contínua que promova o desenvolvimento



pessoal.”<sup>20</sup>

“Antes de mais, ser professor é, hoje, ser pessoa, e estar em constante desenvolvimento e aprendizagem, porque as vertiginosas mudanças deste “nosso” tempo traçam essa “obrigatoriedade”, e a natureza da profissão a isso nos obriga.”<sup>21</sup>

A criança educa-se com base num processo que faz dela um elemento activo e renovador. A expressão é um processo que abarca as suas próprias vivências. Pela acção, a criança constrói o pensamento; pelos movimentos que realiza, aprende a situar-se no espaço e a aperceber-se do tempo; pelo gesto, expressa emoções e comunica com os outros. Então, porque não trabalhar a área das expressões com as restantes áreas curriculares?

Porque não, medir construindo objectos? Conhecer a nossa região, o nosso país, através de jogos tradicionais, de danças regionais, de músicas hip-hop, pop-rock, ou outras? Trabalhar a numeração com jogos? Aprender a ler dramatizando um texto? Por que não recriar o nosso espaço sala/escola decorando-o, torná-lo agradável através da criatividade das crianças?

Surge outra questão: “Como promover a expressão livre da criança?”

### **3. Construção do Projecto: Oficina de Expressões**

#### **3.1. Rubricas do planeamento:**

##### **3.1.1. Investigação**

Indicadores que vou analisar:

→ Análise documental / Referências Bibliográficas

- Conceitos: Desenvolvimento cognitivo, criatividade, autonomia, Educação pela arte, Ensino Artístico, Expressão, inovação, etc. Nesta fase tentarei demonstrar que através das Expressões, os alunos conseguem adquirir um grau de autonomia e criatividade bastante mais elevado do que pela “transmissão de saberes, sem serem atendidas as capacidades dos alunos, numa posição magistercêntrica<sup>22</sup> que, por não dar resultados naturais se vê necessitada a recorrer a meios coercivos (classificações, reprovações) ” <sup>23</sup> É também minha intenção comprovar que a “experienciação directa é muito mais ampla do que a sua simples apreensão cognitiva”<sup>24</sup> uma vez que a criança, interagindo com uma realidade que lhe diga algo, vai certamente livrar-se de constrangimentos, pressões e, ao mesmo tempo, motivar-se-á nas suas próprias aprendizagens porque vivenciadas e desejadas por si.

→ Promover encontros de reflexão através de Entrevistas semi-estruturadas ou Focus Group, com professores avaliadores (no âmbito da Avaliação de Desempenho) para, em conjunto, reflectir sobre as necessidades de formação, no que concerne às Expressões, nos Agrupamentos;

→ Inquérito por questionário de Diagnóstico de Necessidades de Formação, aos professores do 1º Ciclo de dois Agrupamentos de Escolas;

→ Entrevistas exploratórias aos vencedores da medalha de ouro, do melhor manual de Matemática 2008 (a nível internacional)

##### **3.1.2. Acção**

O tratamento de dados obtidos no Diagnóstico de Necessidades de Formação, permitir-me-á obter resultados quer quantitativos quer qualitativos, que, por sua vez, poderão possibilitar a realização de um plano de formação real, que possa responder às verdadeiras lacunas existentes, na área das Expressões, dos Agrupamentos de Escolas.

**A Oficina de Expressões** será o trabalho de campo deste mestrado.

O grupo-alvo desta Formação será o conjunto de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico dos seguintes Agrupamentos: Agrupamento Vertical de Escolas do Cerco do Porto e Agrupamento Vertical de Águas Santas. Mediante os resultados obtidos, e bem assim atenta a possível adesão dos formandos, poderá ser extensível a outros estabelecimentos de ensino.

A Formação será realizada na escola Sede de cada Agrupamento, em horário pós-laboral, tendo cada sessão a duração de três horas, com intervalos de quinze minutos. Relativamente aos dias e extensão da mesma, esta irá depender das solicitações que resultarem do DNF.

Entendo que os Projectos Educativos dos Agrupamentos devem ser um fio condutor da Formação, uma vez que contribuem para o desenvolvimento das expressões artísticas e para o seu reconhecimento no processo educativo das crianças.

Independentemente dos conteúdos a trabalhar numa futura Oficina de Expressões, é minha intenção promover **encontros de reflexão** sobre a prática das mesmas, dentro e fora da sala de aula. Para tal existirão momentos de partilha de vivências pedagógicas, uma vez que a reflexibilidade dos docentes é a única forma de tornar a escola, numa entidade que se pensa. Relativamente ao **número de formandos**, este **nunca deverá exceder os vinte**.

### 3.1.3.Objectivos da Formação

→ **Analisar planificações** dos professores, para um melhor entendimento das práticas que envolvem as Expressões e **criar momentos de planificação em conjunto**;

→ Apelar ao uso das **Expressões na interdisciplinaridade** com as áreas de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática;

→ Seleccionar e **divulgar projectos demonstrativos e paradigmáticos no âmbito da Expressão e Educação Artística**, para conhecer processos, incentivar/apoiar a acção, identificar e divulgar experiências inovadoras;

→ Incrementar o uso de **registos reflexivos** de interpelação à prática pedagógica;

→ Utilizar **instrumentos de avaliação** da interpelação à prática pedagógica

→ Utilizar **instrumentos de avaliação** de mudança de comportamentos na Prática Pedagógica.

### 3.1.4. Acções a desenvolver

Hipoteticamente falando, poder-se-á levar a cabo a criação de uma peça de teatro, de um espaço destinado à exploração de técnicas de pintura, outro cujo objectivo se prenda com a exploração de meios audiovisuais, etc.

### 3.1.5. Identificação de recursos

Algum do material necessário pode ser consultado em anexo. Não estão incluídos todos os documentos, uma vez que dependem do resultado do DNF.

- Formulário para a cedência de um espaço para a Oficina de Expressões, dirigido ao Conselho Executivo
- Mapa de impacte
- Questionário aos formandos
- Instrumento da Avaliação das Reflexões
- Avaliação de resultados/Relatório individual por formando
- Registo reflexivo de interpelação à prática pedagógica
- Instrumento de avaliação do Registo reflexivo de interpelação à prática pedagógica
- Entrevista para os Coordenadores e Conselhos Executivos
- Registo de presenças
- Registo de sumários
- Cronograma
- Requisição de material
- Instrumento de avaliação da interpelação à prática pedagógica
- Instrumento da Avaliação da mudança de comportamentos na Prática Pedagógica (Avaliação dos efeitos)
- Certificado para o formando
- Certificado para o formador

### 3.1.6. Avaliação<sup>25</sup>

## **1.º Nível – Avaliação da Satisfação**

**a)** Pretende-se avaliar os seguintes aspectos com a finalidade de melhorar futuras edições desta formação.

Pertinência dos conteúdos;

Nível de intervenção do formador;

Qualidade da relação pedagógica estabelecida;

Grau de motivação dos formandos;

Eficácia dos métodos pedagógicos adoptados;

Qualidade dos meios audiovisuais;

Qualidade da documentação distribuída;

Conforto e qualidade das instalações;

Adequação do calendário

Avaliação global

Sugestões possíveis para futuras edições.

**b)** Os agentes avaliativos são os formandos.

**c)** Avalia-se:

os conteúdos

a intervenção do formador

a relação pedagógica entre formador e formando

a motivação dos formandos

os métodos pedagógicos adoptados

os meios audiovisuais

a documentação distribuída

a qualidade das instalações

o calendário da formação

**d)** O instrumento a utilizar será um questionário.

**e)** Recolha e análise dos dados e tratamento dos mesmos em Excel.

## **2.º Nível – Avaliação das Aprendizagens**

**a)** Para melhorar a qualidade de intervenção dos docentes na utilização das

Expressões na sua Prática Pedagógica.

- b)** O agente avaliativo é o formador e os formandos através do mapa de impacte.
- c)** Avalia-se a capacidade de aplicação dos conhecimentos abordados na formação.
- d)** Será feita uma avaliação diagnóstica na primeira sessão da formação através de um registo de interpelação à prática pedagógica com base numa grelha de avaliação com os respectivos indicadores de medida. A avaliação formativa será feita através de trabalhos, planificações e reflexões realizados em tempo real da formação e reflexões individuais de cada sessão, onde devem ser descritas as aprendizagens efectuadas. Estes documentos devem constar num portfólio pessoal, que terão como estrutura de base: objectivos, registos de experiências chave e diário, a ser entregue aos formadores, no final da formação, fazendo parte da Avaliação Sumativa, que será explanada numa grelha de avaliação de resultados/relatório individual por formando, preenchida pelos formadores.
- e)** A avaliação será realizada no início, durante e no final da formação.
- f)** Grelhas de avaliação, de escalas globais. O preenchimento das grelhas elucidará os intervenientes, do processo, sobre o trabalho desenvolvido. O feedback será dado, aos formandos, aquando a classificação das reflexões que deverá ser utilizada, também pelo formando para fazer a sua auto-avaliação e comparar com a classificação que lhe foi atribuída, com o objecto de contribuir para o aperfeiçoamento da eficácia das mesmas.

### **3.º Nível – Avaliação da Transferência**

- a)** Avalia-se para medir as mudanças de comportamento dos formandos resultantes da participação na formação.
- b)** A avaliação será efectuada pelos Coordenadores dos Conselhos de Docentes de Professores Titulares dos diferentes anos, Conselho Executivo dos respectivos Agrupamentos e formandos.
- c)** Avalia-se através de uma entrevista realizada aos Coordenadores, ao Conselho Executivo dos respectivos Agrupamentos e aos formandos através da

plataforma do Agrupamento.

**d)** A avaliação será realizada três meses depois da conclusão da formação, uma vez que há factores a ter em conta como: o tempo, a idade, o tipo de grupo e a verificação do modo como a formação foi cumprido.

**e)** Recolha e análise dos dados através da análise de conteúdo.

#### **4.º Nível – Avaliação dos Efeitos**

**a)** Compreensão dos conteúdos trabalhados na Formação;

**b)** Aplicação das técnicas trabalhadas na Formação com os alunos;

**c)** Analisam-se as planificações dos docentes;

**d)** Supervisionam-se aulas ministradas pelos formandos;

**e)** Reunião geral dos professores formandos onde serão avaliados os processos com base no Instrumento da Avaliação de Interpelação à Prática Pedagógica e novo preenchimento do Questionário DNF, a fim de se verificar, com maior exactidão, quais os reais contributos da formação.

**f)** No final do ano lectivo porque é necessário dar tempo aos formandos, antes da avaliação, para que a aprendizagem tenha os seus efeitos.

## **CONCLUSÃO**

Por todo o exposto outorgo-me dizer que urge a realização de um



Diagnóstico de Necessidades de Formação contínua de professores, no campo das Expressões.

Implicar as crianças no seu projecto de aprendizagem, indo de encontro às suas verdadeiras motivações, através das Expressões artísticas, originará maior motivação para aprender e sobretudo compreender o que se ensina em cada espaço escola.

Espero ser capaz de contribuir para a tão desejada formação contínua dos professores, na área das Expressões.

O caminho é longo e árduo mas como na educação do indivíduo, o início é condição “Sine qua none” para se alcançar o saber, mesmo que no entremeio haja que proceder a mudanças ou rectificações, no processo.

Como refere Curry (2003), “Os bons professores usam a memória como depósito de informação, os professores fascinantes usam-na como suporte da arte de pensar”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIGUINHO, A. (1992). *Viver a formação, construir a mudança*. Lisboa: Educa – Inst. Comunidades Educativas
- BANK-JENSEN, J. – *Vamos Brincar com Papel*. Plátano Editora
- BARBIER, Jean-Marie (1996). *Elaboração de Projectos de Acção e Planificação*. Colecção Ciências da Educação. Porto Editora
- BARRET, Gisele (1997) – *Teatro Educação*. Lisboa: ASA Editora
- BEJA, F. & Outros (1995) – *Drama pois!* Lisboa: Porto Editora.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Colecção Ciências da Educação. Porto Editora
- CANÁRIO, Rui (2000.). *A Prática Profissional na Formação de Professores*. Revista Portuguesa de Formação de Professores. Vol. I
- CANÁRIO, R. (1991). *Formação: transformar dificuldades de aprendizagem em dificuldades de ensino*. Aprender
- CHALUMEAU, J. L. (1997) “As teorias da arte”, *Filosofia, crítica e história da arte de Platão aos nossos dias*, Teoria das artes e Literatura, Instituto Piaget
- CORREIA J.A. (1990). *Inovação, mudança e formação: elementos para uma praxeologia de intervenção*. Aprender
- CORREIA, José Alberto (org.) (2006). *Recomposição do Ofício de Professor num Contexto de Mutação dos Sistemas Educativos*. Porto: CIIE / Edições Afrontamento.
- COSTA, I. A. & BAGANHA, F. (1989) – *O Fantoche que ajuda a crescer*. Lisboa: ASA Editora
- DELORS, Jacques (2000). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Edições ASA

DE PERETTI, A. (1975). *Carl Rogers e a orientação não-directiva em pedagogia*. in ARIP, Pedagogia e psicologia dos grupos. Lisboa, Liv. Horizonte

FAURE, G. & LASCAR, S. (1982) – *O jogo dramático na Escola Primária*. Lisboa: Estampa

GLOTON, R. (1978) – *A actividade criadora da criança*. Lisboa: Estampa

GOMBRICH, E.H. (2005) *A História da arte*, Público – Comunicação Social, SA, Porto

GONÇALVES, E. (1991) – *A Arte descobre a criança*. Lisboa: Raiz Editora

LEENHART, P. (1979) – *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Estampa

LESNE, M. (1984). *Trabalho pedagógico e formação de adultos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

LEITE, C. e António Lopes (2007) *Escola, Currículo e Formação de Identidades*, 1ª Edição, Março de 2007, Asa

LEITE, E. e Manuela Malpique (1986) “*Espaços de criatividade*”, *A criança que fomos/A criança que somos...através da Expressão Plástica*, Colecção Ser Professor, Edições Afrontamento, Lda

LEQUEEUX, P. (1977) – *A criança criadora de espectáculos*. Porto: Família 2000

Macedo, Eunice (2004). *PRAZER DE FAZER, O lúdico-pedagógico no teatro com crianças e jovens ou um trabalho de intervenção?*. Porto: Porto Editora, LDA

MATOS, M. G. (1994) – *Corpo, movimento e Socialização*. Rio de Janeiro: Editora Sprint

MUNARI, Bruno. – *Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Colecção “Dimensões”, Editorial Presença

Nóvoa, A. (1988). Inovação para o sucesso educativo escolar. *Aprender*, Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre

TEDESCO, J.C. (2008), *Calidad de la Educación y Políticas Educativas*, revista saber (e) Educar, Nº 13

READ, H. (1958). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70

READ, H. (1982) – *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70

Reis, Raquel (2003). *EDUCAÇÃO PELA ARTE*, Universidade Aberta, Lisboa

RINGAERT, J. P. (1981) – *O jogo dramático no Meio Escolar*. Coimbra: Centelha.

SCHMITT-MENZEL, Isolde – *Tecelagem com Papel e Lã*. Coleção “Mãos à Obra”, Verbo Difusão

SOUSA, A. (1986) – *Expressão Dramática*. Porto: Básica Editora

Sousa, Alberto B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget

STERN, A. (1974) – *Aspectos e técnicas da pintura da criança*. Lisboa: Livros Horizonte

STERN, Arno (s.d.). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte

## LEGISLAÇÃO

1986 - Lei nº46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo)

1990 - Portaria nº.782, de 1 de Setembro (Estabelece os princípios da aplicação dos novos planos curriculares)

1998 - Dec. Lei nº. 115-A, de 4 de Maio (Aprova o regime de autonomia, Administração e gestão dos estabelecimentos de ensino)

1999 - Despacho nº. 9590, de 29 de Abril (Projecto de gestão flexível do Currículo)

2001 - Dec. Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro (Organização do Ensino Básico)

2001 - Dec. Lei nº. 30/2001, de 19 de Julho (Avaliação das aprendizagens dos alunos do Ensino Básico)

2002 - Dec Lei nº. 209/2002, de 17 de Outubro (Alterações ao Dec. Lei nº

6/2001, relativas à avaliação da aprendizagem no ensino Básico)

2005 - Despacho nº 1/2005, de 5 de Janeiro (Estabelece os princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências dos alunos dos ciclos do Ensino Básico)

## DOCUMENTOS

Departamento da Educação Básica (2004). *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico — 1º Ciclo*. Lisboa : Departamento da Educação Básica, 4ª Edição.

Conferência da UNESCO realizada em Lisboa a 6 de Março de 2006

Conferência Internacional de Educação estética e artística; 2000, Fundação Calouste Gulbenkian

EDUCAÇÃO, Ministério da (s.d.). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*.